

O GRITO DO POVO

JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA

898 BZL/72 - JAN/73 Pr. 1 Tr./



(Reprodução para o Exterior)

VIVA A HEROICA LUTA VITORIOSA DOS POVOS DA INDOCHINA !

FINALMENTE, os assassinos imperialistas norte-americanos, foram obrigados a assinar o tratado da sua retirada do Vietnam. Foi uma gloriosa vitória para o povo do Vietnam, há dezenas de anos em luta armada contra o imperialismo. Mas a luta continua. No Cambodja, no Laos, em todo o mundo, os imperialistas, os social imperialistas e todos os seus lacaios serão escorraçados pelos povos unidos e em armas !

POVOS DE TODO O MUNDO: UNI-VOS E DERROTAI OS AGRESSORES NORTE-AMERICANOS E TODOS OS SEUS LACAIOS !

(ler artigo na página 2)



GRANDIOSA GREVE NO ARRASTO EM MATOSINHOS !

Contra a exploração capitalista, os valentes pescadores do arrasto, unidos como um só, em greve total durante 23 dias! O patronato emca beçado pelo fascista Tenreiro comprometeu-se a ceder a todas as reivindicações dentro de 2 meses.

Quem não teme o mar, não teme os patrões. Os Comitês Operários estiveram na linha do combate. Diz Lênine as greves não são ainda a guerra, mas são a escola de guerra do proletariado.

EM FRENTE CAMARADAS PESCADORES!
COM OS OPERÁRIOS E OS CAMPONESES, PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

(Reportagem a partir da página 9)

A HEROICA LUTA DOS POVOS DA INDOCHINA

Desde 1858, data em que a armada francesa chegou ao Vietnam com o pretexto de ir defender os missionários, a Indochina tem estado sistematicamente ocupada por tropas estrangeiras.

A chegada dos franceses ao Vietnam, o seu avanço para o interior para ocupar o Laos e o Camboja e a formação da União Francesa da Indochina como colônia francesa, mantiveram e intensificaram a situação dos povos indochineses na mais terrível miséria. Os colonialistas e os senhores feudais seus aliados, roubavam as terras dos camponeses e cobravam pesados impostos; na altura da guerra mundial de 1914-18 os militaristas franceses recrutavam a força milhares e milhares de jovens para servir de carne para canhão para a guerra imperialista que se travava na Europa; os comerciantes da especialidade vendiam e compravam jovens da Indochina como escravos; as manifestações nas cidades e as revoltas de camponeses eram abafadas com massas.

Depois de muitas tentativas, traduzidas em revoltas camponesas, greves operárias revolucionárias, lutas contra o escravagismo, manifestações, etc., todas afogadas em sangue, o 1º grande passo foi dado em 1930, por HO CHI MINH e um punhado de comunistas, ao fundarem o Partido Comunista da Indochina. A classe operária e o seu partido marxista-leninista iria tomar as rédeas de uma luta que durante dez anos foi travada ao nível político, contra os colonialistas.

Esta intensa luta política em defesa dos interesses da classe operária, dos camponeses e de outras camadas revolucionárias da população contra os colonialistas franceses e os senhores feudais despotas e reacionários, organizou e preparou o povo para, durante a 2ª guerra mundial, se lançar no desencadeamento da luta armada contra o colonialismo francês.

A brutalidade da invasão japonesa desabou sobre a Indochina, num momento em que os povos indochineses estavam quase "maduros" para desencadear a ofensiva armada contra os colonialistas franceses. Foi assim que a invasão japonesa funcionou como um factor externo; a rápida vitória sobre

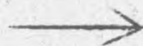
os japoneses foi o empurrão final para que os povos da Indochina se lançassem na luta armada contra os colonialistas franceses.

A derrota dos fascistas japoneses e o enfraquecimento da França, no fim da 2ª grande guerra, a vitória do Exército Vermelho na União Soviética de Estaline, os progressos da Revolução Chinesa e a vontade e preparação para a luta dos povos do Vietnam, do Laos e do Camboja, levaram o Partido Comunista da Indochina a lançar a palavra de ordem de levantamento armado contra a dominação colonial.

Apesar de enfraquecidos, os colonialistas franceses não largavam facilmente a sua presa; em 1946, auxiliados pelos dólares dos imperialistas americanos lançam-se de novo ao ataque, desembarcando em Saigão e caminhando para o Norte, procurando invadir o Norte do Vietnam, o Laos e o Camboja.

Como "NADA É TÃO PRECIOSO COMO A INDEPENDÊNCIA E A LIBERDADE" (frase do testamento de HO CHI MINH), os povos da Indochina voltaram a pegar corajosamente nas armas e guiados pelo partido marxista-leninista da classe operária, travaram uma longa guerra de 9 anos até derrotarem os colonialistas franceses.

Guerra feita por todo o povo, unido na Frente de Libertação do Vietnam (VIET MINH) para conquistar os objectivos de momento do povo: independência e democracia. Guerra que foi evoluindo por fases desde a guerrilha feita por pequenos grupos, passando pela guerra de movimento, em que as companhias do Exército Popular de Libertação flagelavam o inimigo, moviam-se rapidamente para outras posições para voltar a atacar e por fim, a guerra "clássica", de combate frontal contra o inimigo, acabando os franceses por ser totalmente derrotados na batalha de DIEN BIEN PHU, em 1954. Foi uma guerra popular prolongada em que as forças do inimigo e o moral das suas tropas iam sendo desgastadas ao mesmo tempo que cresciam e se consolidavam as forças do povo. O território ia sendo parcialmente libertado e as áreas retiradas à influência do inimigo iam sendo transformadas pelas forças populares em bases de apoio à luta nas restantes zonas.



→
Ao mesmo tempo, por todo o território o poder popular, mesmo nas zonas que estavam temporariamente sob o controle dos franceses, ia-se reforçando e decretando medidas econômicas que melhoravam a vida das massas populares: diminuição das rendas que os camponeses tinham que pagar aos proprietários; diminuição dos juros dos empréstimos; distribuição aos camponeses das terras dos senhores feudais lacaios do inimigo e, mais tarde, a reforma agrária.

Vencido em Dien Bien Phu, abalado por tão tremenda derrota, o imperialismo foi obrigado a negociar, acabando por assinar os Acordos de Genebra onde se reconhecia a independência da República Democrática do Vietnã, a neutralidade do Laos e do Camboja, onde se marcavam eleições gerais para que o povo do Vietnã do Sul escolhesse o seu governo e se proibía a intervenção estrangeira nos assuntos internos do Vietnã.

Todos os povos pacíficos do mundo entendiam que este era o resultado justo do heroico sacrifício dos povos da Indochina. Não foi, no entanto o que se passou com os imperialistas dos Estados Unidos. O governo deste país alimentando os objectivos agressivos da sua política imperialista, recusou-se a assinar os Acordos de Genebra, prometendo, contudo, respeitá-los. Ora, tal como os patrões que perante os operários unidos e em luta procuram "entrar em negociações" apenas para ganharem tempo e arranjam processo de divórcio.

os operários, os imperialistas americanos, ao prometerem respeitar os Acordos de Genebra procuravam apenas enganar a opinião pública mundial, ganhar tempo, dividir o povo vietnamita e preparar as bases para nova ofensiva.

Os americanos voltaram a intervir no Vietnã. Diziam que vinham defender a "Liberdade e a Democracia" na Indochina, defender o "mundo livre" e combater o comunismo. Na realidade, vieram roubar a democracia e a liberdade dos povos da Indochina, roubar-lhes as suas riquezas e entregar as terras e o poder a um grupelho de fantoches seus lacaios. Vieram para estabelecer grandes bases de bombardeiros e de mísseis para atacar a República Popular da China e cravar as suas garras imperialistas sobre a Ásia para viver à custa dela. É por esta razão que a luta dos po-

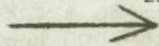
vos indochineses está à cabeça da luta dos povos asiáticos e dos povos oprimidos do mundo inteiro.

Os americanos voltaram ao Vietnã, clandestinamente, através da sua odiosa CIA (a pida americana sobre os povos do mundo) e a primeira coisa que fizeram foi forçar a nomeação para o governo do Vietnã do Sul de um seu criado, o fantoche Ngô Dinh Diem. Este miserável roubou as terras ao povo restituindo-as aos senhores feudais, presseguiu e assassinou milhares de combaten-



tes da guerra contra os franceses, mas sacrou as seitas religiosas que apoiaram o Viet Minh e liquidou tribos inteiras dos povos das montanhas. Mandou milhares e milhares de vietnamitas para campos de concentração, fez tudo para apagar a chama revolucionária que ardia no peito do povo.

No Laos e no Camboja, os americanos entraram da mesma maneira, corrompendo, destruindo e assassinando. Tentaram comprar Sihanuk, rei do Camboja mas este resistiu-lhes. Agrediram o povo cambodjiano e compraram o príncipe Suvana Phuma do Laos, ao mesmo tempo que bombardeavam o país. Tal odiosa violação dos acordos de paz não podia ficar sem resposta e os povos indochineses mais uma vez se levam



taram em armas para lutar contra os agressores americanos e seus lacaios.

No Vietnam do Sul foi organizada a Frente Nacional de Libertação (FNL) que reunindo todo o povo desencadeou a luta armada pela independência, pela democracia e pela defesa do Vietnam do Norte socialista. No Laos e no Camboja foram organizadas frentes semelhantes: o Neo Haksat (cuja organização militar é conhecida pelo nome de Pathet Lao) e no Camboja os Khmers Vermelhos.

As forças populares adoptando a estratégia já conhecida da guerra contra os franceses, rapidamente infligiram pesadas derrotas às tropas fantoches controladas pelos americanos e libertaram largas zonas nos países da península indochinesa. No Vietnam onde a guerra foi e é mais violenta, as forças armadas de libertação combinando correctamente as acções de guerrilha, de guerra de movimento e de guerra de posição, organizando o povo nas cidades e nas aldeias em grupos de auto-defesa, cresciam em número de homens, em quantidade e qualidade de material, e em experiência. Ao mesmo tempo as tropas fantoches tornavam-se cada vez mais passivas, mais desanimadas e mais impotentes. As deserções aumentavam dia a dia e os que não desertavam drogavam-se. O governo reaccionário e fantoche de Saigão tornou-se tão odiado pelo povo e tão incapaz de controlar o exército fantoche, que os seus patrões, os imperialistas americanos, decidiram eliminá-lo. Em 1963, a CIA organiza um golpe de estado, derruba o governo e assassina o seu chefe Diem, o carrasco do povo vietnamiano a soldo dos americanos.

Durante dois anos, os palhaços sucedem-se uns aos outros no palácio do governo de Saigão sem que os seus patrões americanos se satisfaçam.

No plano militar, para evitar a derrocada, os americanos enviaram ainda mais "conselheiros militares" adoptando a chamada tática da "guerra especial".

Mas contra um povo decidido a lutar guiado por um partido marxista leninista e organizado numa frente revolucionária armada não há tática imperialista, seja de "guerra especial", seja de que guerra for, que resulte. (Após 1966, as tropas americanas começaram a chegar em grandes números ao Vietnam, tendo a certa altura ultrapassado os 500.000 homens).

No Laos, a CIA respondia com golpes de estado reaccionários sempre que as forças democráticas conseguiam um governo mais popular. Os bombardeiros B-52, partindo das bases na Tailândia ar rasavam as aldeias laocianas mas não conseguiram impedir o Pathet Lao de continuar o seu avanço vitorioso, libertando zonas cada vez maiores do país.

No Camboja o governo progressista de Sihanouk ia resistindo aos golpes baixos da CIA ao mesmo tempo que ia facilitando a acção dos Khmers Vermelhos.

No período que vai do Inverno de 1966 à Primavera de 1967, enfrentando um exército americano-fantoche de cerca de 1,5 milhões de homens, as Forças Armadas de Libertação do Vietnam lançaram uma grandiosa ofensiva que alargou extraordinariamente a área libertada, centenas de milhares de pessoas passaram a viver com a administração da FNL, as chamadas "aldeias estratégicas" acabaram por ser completamente desfeitas, e as populações puderam voltar às suas aldeias. (As "aldeias estratégicas" mais não são do que campos de concentração; note-se que o mesmo pretendem os colonialistas portugueses fazer em África para tentar retirar aos movimentos de libertação o apoio activo que recebem do povo). A administração fantoche de Saigão viu a sua influência ainda mais diminuída; milhares e milhares de soldados do exército fantoche desertaram e uma grande parte desse exército foi paralizado para defender Saigão, as outras cidades e os aquartelamentos espalhados pelas zonas rurais.

Esta gloriosa e justa luta de um pequeno país contra uma grande e forte potência imperialista, como não podia deixar de ser recebeu o mais firme apoio de todos os países socialistas do mundo com a República Popular da China em primeiro lugar. Todos os povos do mundo apoiam entusiasticamente a luta do povo do Vietnam e dos restantes povos da Indochina, incluindo o povo americano. Este merece uma atenção especial porque a sua luta, ao atingir importância cada vez maior, encostou à parede o governo de Johnson e depois de Nixon, forçando-os a retirar os seus soldados do Vietnam e a acabar com a agressão americana no Vietnam.

Derrotados em todas as frentes de luta, enfrentando a cólera do povo dos Estados Unidos, atacados em todo o

"Levantar uma pedra para deixá-la cair depois sobre os seus próprios pés" é um ditado popular chinês que descreve o comportamento de certos loucos. Os reaccionários de todos os países são loucos desse tipo. No fim de contas, as várias perseguições que movem contra o povo revolucionário apenas servem para acelerar a revolução popular numa escala ainda maior e mais intensa. Acaso não desempenharam precisamente esse papel, nas grandes revoluções russa e chinesa, as diversas perseguições movidas por Tchiang Kai chek e pelo czar da Rússia contra o povo revolucionário?



MAO TSE-TUNG

Novembro de 1957

INDOCHINA VENCERÁ !

→ mundo, os imperialistas americanos vêm se obrigados a retirar uma boa parte dos seus soldados e a iniciar as chamadas "conversações de paz", esperando ganhar tempo para continuarem, sob outra forma, a sua odiosa agressão na Indochina. Deste modo, lançam uma nova tática a que chamaram a "vietnamização da guerra", ou seja, organizar e sustentar um numeroso e bem armado exército fantoche constituído por soldados recrutados à força nas aldeias do Vietnam e comandado aparentemente pelo fantoche Van Thieu mas, na realidade completamente controlado pelos generais americanos do Quartel General de Saigão. No fundo, esta política de vietnamização não é mais nada senão uma tentativa de virar os vietnamitas contra os vietnamitas. É a mesma coisa que o assassino Spínola entre outros reaccionários, pretende fazer na Guiné ao organizar as milícias africanas: fazer com que os africanos combatam os próprios africanos.

Para completar esta criminoso política imperialista a que chamaram "vietnamização" da guerra só faltavam os bombardeamentos que dessem um pouco de coragem aos desmoralizados soldados fantoches e que arrasasse as áreas libertadas e o Norte do Vietnam na tentativa de quebrar a firmeza do povo vietnamita.

O lema do exército americano fantoche era de "Tudo incendiar, tudo destruir, tudo massacrar".

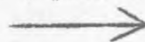
Tudo isto foi e será inútil porque como diz o camarada Mao Tsé-Tung:

"O POVO DE UM PAÍS PEQUENO VENCERÁ COM TODA A CERTEZA A AGRESSÃO DE UM PAÍS GRANDE, SE OUSAR ERGUER SE PARA À LUTA, RECORRER ÀS ARMAS E TOMAR NAS SUAS MÃOS O DESTINO DO SEU PAÍS".

Os imperialistas americanos, como todos os reaccionários quando vêm o seu fim aproximar-se, "enlouqueceram" ainda mais e passaram a recorrer a todos os meios para tentarem desesperadamente salvar-se; no plano militar, entram em aventuras sem qualquer saída, no plano político entram na mentira e no jogo baixo.

A 18 de Março de 1970, a CIA organiza um golpe de estado no Cambodje expulsando do governo Sianuk e substituindo-o pelos bandidos fascistas Lon Nol e Sirik Matak. O seu objectivo era transformar o Cambodja numa grande base donde pudessem atacar os Planaltos Centrais do Vietnam. O plano era bom, iria concerteza criar novas dificuldades à luta do povo do Vietnam e exigir-lhe novos sacrifícios para vencer mais esta agressão. E era tão bom que foi apoiado por todos os inimigos do povo do Vietnam e dos povos da Indochina, como os social imperialistas da União Soviética que se apressaram a reconhecer o governo fascista de Lon Nol e Sirik Matak, obrigando Sihanuk ao exílio. Os traidores revisionistas soviéticos que usurparam o poder na União Soviética Socialista iniciando a restauração do capitalismo, não contentes por fornecerem péssimo material velho e antiquado ao Vietnam por exercerem constantemente pressões pretendendo que o heróico povo vietnamita capitulasse, desmascararam-se definitivamente ao apoiarem o bando fascista posto no poder pela macabra CIA.

Os imperialistas americanos e os social imperialistas soviéticos só não contaram com um factor: o povo do



→
Cambodja, que imediatamente se levantou como um só homem, sob a direcção da Frente Unida Nacional do Cambodja (FUNK) e do Governo Revolucionário no exílio (em Pekim) e tendo como chefe de Estado Siabnuk), para derrubar a camarilha de bandidos que tinham tomado o poder e expulsar os imperialistas americanos. No curto espaço de 3 meses, o Exército Popular do Cambodja inflingiu derrotas tão pesadas ao exercito fantoche de Lon Nol que este passou a controlar apenas a zona da capital, e esta constantemente sujeita a ataques das forças armadas de libertação.

Para tentar resolver a sua situação no Vietnam, os imperialistas arranjaram um governo fantoche no Cambodja; para salvar este governo da desintegração total e levar avante o seu plano não hesitaram em entrar em mais uma aventura militar. Assim, em Junho de 1970 invadem o Cambodja, alargando a guerra a mais um país. Para resolver a guerra no Vietnam, alargaram a guerra a toda a Indochina. Para tentarem resolver uma contradição, os miseráveis imperialistas, caem noutra e noutra até à sua derrocada final.

As tropas americano-fantoches que invadiram o Cambodja foram completamente derrotadas, graças à admirável aplicação das leis da guerra que os povos indochineses souberam fazer. Usando o Marxismo-Léninismo-Maoísmo, as forças populares souberam recuar, deixando que o agressor penetrasse no território do Cambodja, até um ponto em que se tornaram presa fácil de um povo e de um exército popular que combinou de forma justa a guerra de posição, de movimento e de guerrilha, esta na própria retaguarda do inimigo. Foi uma brilhante vitória das teorias do camarada Mao Tsé-Tung sobre a guerra popular. Os imperialistas levantaram uma pedra para a deixarem cair sobre os pés.

Os povos indochineses usaram as próprias aventuras militares e políticas dos imperialistas para reforçarem as suas posições, desgastar o inimigo e prepararem-se para desencadear ofensivas ainda mais decisivas.

Vitória após vitória, libertaram áreas cada vez mais extensas dos seus países. Nas áreas libertadas, o poder popular, continuando a seguir a política de defesa dos interesses do povo, distribuía as terras dos senhores feudais e dos traidores pelos camponeses

e encorajava os camponeses a juntarem as suas pequenas parcelas de terra e a formarem verdadeiras cooperativas para aumentar a produtividade da terra, elevar o nível de vida do povo e fornecer as forças armadas de libertação com o necessário: organizava em todas as aldeias grupos de auto-defesa; protegia as tribos das montanhas e as seitas religiosas que se mantinham fiéis à causa da libertação.

No Norte do Vietnam o povo avança no caminho da construção do socialismo. O PARTIDO DOS TRABALHADORES DO VIETNAM, utilizando o marxismo-léninismo, conduz o povo na realização dos seus objectivos de momento:

- Prepararem-se militarmente para a defesa do Vietnam do Norte contra a agressão imperialista.

- Impulsionar a agricultura, desenvolver a industria e organizar as redes de comércio de Estado.

- Desenvolver a assistência médica; promover o ensino para formar mais e melhores quadros para servirem a Revolução.

Apesar de dos B-52 choverem continuamente toneladas e toneladas de bombas, o povo do Vietnam do Norte tem continuado a avançar no caminho do Socialismo, da ditadura da classe operaria, ao mesmo tempo que defende a alicia o máximo que lhe é possível, o povo heroico do Vietnam do Sul e a luta pela reunificação.

"O VIETNAM É SÓ UM PAÍS, O POVO VIETNAMITA É SÓ UM POVO!"

Em princípios de 1972, a grande maioria do território do Vietnam do Sul estava libertada. As únicas posições não libertadas que estavam na posse do exército americano fantoche eram as cidades e as guarnições fortificadas; o exército americano fantoche estava de mãos amarradas. Por outro lado, a Frente de Libertação Nacional e as forças armadas de Libertação tinham o povo e o exército preparados para passar à ofensiva. Nos Estados Unidos era ano de eleições e o povo americano, farto de ser enganado, revoltado com os crimes imperialistas, só elegeria um Presidente que provasse com factos que estava disposto a abandonar o Vietnam. No mundo inteiro os imperialistas estavam isolados, condenados por todos os lados.

Com estas condições tão favoráveis a FNL lançou uma ofensiva geral.

→

→
Muitas grandes cidades foram tomadas e o exército de Saigão esteve tão perto do desmoronamento que os imperialistas americanos, 1 mês antes das eleições, foram obrigados a sentar-se à mesa de conferências e a aceitar o plano de paz apresentado pelo governo de Hanoi e pela FNL.

Em Novembro do ano passado, depois de ganhar as eleições, Nixon dá a dito por não dito, regeita o plano que já tinha aceiteado e acrescenta a esta baixosa política mais uma aventura militar, o bombardeamento maciço de Hanoi e Haiphong e das zonas libertadas do Vietnam do Sul.

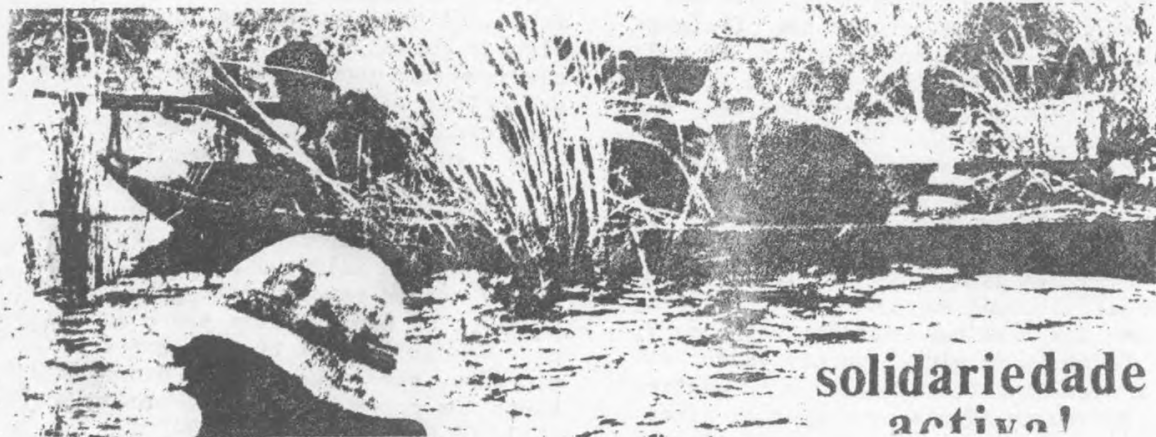
Como não conseguiram ganhar a batalha em terra, ajudados ou não pelos bombardeamentos, só lhes restou uma política: a da "terra queimada". Os bombardeiros passaram a arrazar o território palmo a palmo. Mas também este crime foi inútil, porque o povo do Vietnam como todos os povos que lutam pela liberdade, soube encontrar os meios para se defender dos aviões, quer aperfeiçoando e desenvolvendo a sua artilharia anti-aérea, quer organizando o seu país de modo a neutralizar grande parte da eficácia dos bombardeamentos.

VIVA A LUTA JUSTA DOS POVOS DO VIETNAM, LAOS E CAMBODJA!
VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS INDOCHINESES!
FORA COM OS IMPERIALISTAS AMERICANOS DA INDOCHINA E DE TODO O MUNDO!
VIVA O VIETNAM REUNIFICADO, LIVRE, INDEPENDENTE E DEMOCRÁTICO!
VIVA A F. N. L. ! VIVA O G. P. R. ! VIVA O PARTIDO DOS TRABALHADORES DO VIETNAM!
FORA COM OS VIS LACAIS DOS IMPERIALISTAS, SOUVANA PIMA DO LAOS E ION NOL-SIRIK MATAK DO CAMBODJA!

Dia 27, finalmente, os imperialistas americanos e seus lacaios, foram obrigados a assinar o cessar de fogo. Os dias seguintes, que vão da assinatura até à data da redacção deste jornal confirmam já a verdade de que, sobre as declarações pacíficas do imperialismo não podemos nutrir grandes ilusões. Nestes dias, os imperialistas e seus lacaios têm procedido a constantes violações do cessar de fogo, como são obrigados a admitir os fiscais e observadores estrangeiros, mesmo os mais reacionários.

Uma coisa é certa. A assinatura do cessar de fogo foi uma grande vitória política do povo! A sua violação, é mais um desmascaramento do regime de opressão saionês a soldo dos imperialistas americanos. O povo do Vietnam vencerá, liquidará por completo os imperialistas e seus lacaios.

A heroica luta do povo vietnamiano e dos povos indochineses, é um grande exemplo para os povos e proletários de todo o mundo, demonstrando como um povo unido numa luta justa tuçe pode, e que a luta armada é o estágio decisivo da Libertação.



**solidariedade
activa!**

BARCARENA: 8 OPERÁRIOS ASSASSINADOS E 14 FERIDOS EM EXPLOSÕES NA FÁBRICA DA PÓLVORA !

O dia 20 de Novembro foi mais um dia negro para a classe trabalhadora e mais um crime para juntar à lista do Estado dos patrões.

Nesse dia, na Companhia de Pólvoras e Munições de Barcarena (a 15 km de Lisboa), deu-se uma série de 12 explosões que matou instantaneamente 7 operários e feriu 14 com gravidade, um dos quais veio a falecer dias depois. A explosão deu-se depois da hora do almoço, quando os operários tinham começado a trabalhar, houve 12 explosões ao todo no Edifício nº13 e 4 paióis foram ao ar. Se não houve mais mortos, porque as oficinas são pequenas e em cada uma delas trabalham 2 ou 4 operários.

Este acidente não foi um acaso, nem uma calamidade natural, para isso basta ver a quantidade de explosões que tem havido na fábrica de Barcarena desde que foi fundada no século passado. Se nos últimos 40 anos, houve 5 grandes explosões:

- em 1933: 7 mortos
- em 1947: 2 mortos e vários feridos
- em 1956: 6 mortos
- em 1963: 3 mortos
- em 1969: 1 morto e vários feridos.

As instalações são velhíssimas e só foram uma vez ligeiramente renovadas. A fábrica é constituída por várias dependências que se estendem numa grande superfície. Os paióis não oferecem um mínimo de condições de segurança e as máquinas são muito antigas estando constantemente avariadas. O perigo maior é constituído pela pólvora altamente explosiva que está sempre pelo chão e paredes das oficinas. Qualquer pessoa sabe que o pó da pólvora devia ser limpo todos os dias e que devia haver máquinas modernas que não o espalhassem. Um operário da fábrica disse, que todos tinham por norma não arrastar nenhum objecto pesado pelo chão, pois existia o perigo de causar fagulhas.

No dia das explosões, de manhã, no Edifício onde se peneirava a pólvora, uma das máquinas estragou-se; e às 13, 20 depois do almoço quando quando começaram o trabalho, um dos mestres encarregou alguns operários de arrastar a máquina para fora da oficina; vários operários prevendo o perigo chamaram a atenção do encarregado; mes-

mo assim, este insistiu e deu-se a explosão: o arrastar da máquina provocou fagulhas que serviram de detonador pólvora.

Além dos mortos e dos feridos, houve também várias casas de operários na Ribeira de Cima que ficaram danificadas (indemnizações nem vê-las, até agora), e uma criança que vinha da escola ali próxima, foi ferida por uma pedra.

A Fábrica de Barcarena é uma sociedade anónima particular que está sob o controle da Comissão de Explosivos da Defesa Nacional na pessoa de um delegado do governo: o Coronel Alberto Pinto Baptista. Fabricam-se lá também granadas e morteiros de avião para a guerra colonial assassina. A direcção da fábrica ficou tão assustada e com medo das responsabilidades que se recusou a atender os jornalistas e nem os deixou telefonar do local. Ela bem sabe a razão do "acidente". Trabalham na fábrica cerca de 200 operários que ganham um salário de miséria de 100\$00, nas outras explosões a fábrica não deu nenhuma indemnização.

A única coisa pela qual a direcção da fábrica se preocupou, foi em comprar um talhão de terreno no cemitério para os operários mortos e os que hão de morrer nas explosões. Pelo grupo de assassinos! Não mexem uma palha para evitar os acidentes, mas preocupam-se em terem espaço para enterrarem as vítimas!

Mas nós não somos carne para canhão, não estamos para trabalhar com vista dum pequeno cantinho no cemitério. Temos de exigir condições de segurança no trabalho! Não acreditamos que hajam explosões porque tem de ser; elas são exclusivamente provocadas pelos patrões que colhem os lucros a 100% e não querem perder nem um centavo com renovações e condições de segurança!

Como dizia um panfleto revolucionário distribuído na região sobre o "acidente": ...precisamos de nos organizar e de lutarmos unidos e sem medo. Os trabalhadores são a maior parte da população. Os capitalistas são o número mais pequeno, e nós trabalhadores explorados, vamos esmagá-los, vamos rebentá-los com a pólvora que produzimos!
EXIJAMOS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA !
ABAIXO COM OS PATRÕES ASSASSINOS !
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !



O POVO EM LUTA

MATOSINHOS → VIVA A GRANDIOSA GREVE DOS PESCADORES DO ARRASTO!

Depois de imporem na prática o dia semanal de descanso, como noticiámos no número anterior, os pescadores do arrasto enfrentaram, com a entrada de novo ano, a luta pelas condições de renovação das matrículas.

Apoiados e impulsionados pela propaganda constante de "Os Comitês Operários", os pescadores do arrasto fixaram as suas reivindicações num aumento geral de perto de 100%. (1.500\$00 por mês, 2kg de peixe por dia, 50\$00 de caldeirada por dia e 20\$00 de rancho por dia, mais o dia semanal de descanso já imposto).

Apresentadas pelos mestres as reivindicações dos pescadores numa reunião em 31 de Dezembro, tendo o patronato recusado os aumentos, os mestres transmitiram aos pescadores a nega. Transmitiram ainda que os armadores pediam para irem ao mar entretanto.

Os pescadores iniciaram imediatamente a discussão do assunto e concluíram: "Já que não aceitam, também ninguém vai ao mar".

Era a greve! Greve, arma que os pescadores sabem ser uma das suas principais armas para resistirem à intensificação da exploração e para melhorarem as suas condições. Arma que os pescadores já tantas vezes usaram com

ESCLARECIMENTO

Em certas igrejas da cidade do Porto, no dia 31 de Dezembro de 72, apareceram panfletos intitulados "Povo Português" pretendendo fazer-se passar como da autoria de "O Grito do Povo" e de "Os Comitês Operários", duas das siglas com que terminam o texto.

"O Grito do Povo" e "Os Comitês Operários" declararam serem totalmente falsas tais assinaturas, e consideraram que tais panfletos só podem ser da autoria dos habituais provocadores fascistas, ou de progressistas simpatizantes desconhecedores de certas questões da luta política e do que representa uma assinatura!

"VIVA A REVOLUÇÃO"

Mais um número (4) do órgão dos CREC's de Portugal (Comitês Revolucionários de Estudantes Comunistas) agora unificados, acaba de sair.

Como habitualmente, as saudações da redacção do G. do P. pela saída de mais este número da imprensa da nossa Organização.

QUEM NÃO TEME O MAR NÃO TEME OS PATRÕES

→
resultados vitoriosos.

Na madrugada de 31 de Dezembro, constituiram-se os primeiros piquetes de greve. Nos dias seguintes a greve total continua. Os armadores ficaram surpreendidos. Esses ladrões medem os cutros pelo que eles próprios são. Mas estão enganados: Quem não teme o mar também não teme os patrões!

Segundo os nossos rápidos cálculos, ao fim de três dias de greve, o patronato tinha perdido mais de 6.000 contos. Os armadores assustados, convocaram para o dia 2 uma reunião, pedindo desta vez, a presença de todos os pescadores do arrasto.

Iniciada a reunião, presidida como a anterior pelo patrão-mór (comandante da capitania) e com a presença de inúmeros pescadores e alguns mestres e armadores, o comandante, em tom paternal, depois de pedir para "que não cometessem mais acções iguais àquela", salientou que os patrões tinham muita pena mas não podiam acceder às exigências.

Silêncio absoluto, foi a resposta.

Surpreendido por instantes, o porta-voz do patronato armado em medianoiro, pediu que levantasse o dedo quem estivesse de acordo. Um canalha, mestre por sinal, levantou o dedo, tendo sido imediatamente punido por um forte cachaco que o fez andar de roda. Mais à frente o lambe botas, indignos de pertencerem à brava classe dos pescadores levantaram o dedo mas baixaram no logo a seguir, face ao turbilhão de cacetadas que sobre eles imediatamente choveu.

A tensão cresceu. A atmosfera era explosiva. Gritos colectivos ecoavam na sala, mostrando a firme disposição dos pescadores para não irem ao mar.

Acagaçados, armadores e comandante fugiram da sala, para só voltarem muito depois com um sorriso submisso sobre os lábios.

O comandante, dizendo que naquela reunião não era possível chegar a acordo entre as duas partes, pediu que todos fossem ao mar, que a coisa se resolveria.

Num só coro, como se tivessem em saído antes, a forte voz dos pescadores demonstrou que estavam fartos de ser enganados. A continuação da greve estava declarada.

Um armador irado gritou: "Se os arrastões fossem todos meus, não dava trabalho a ninguém e vocês haviéis de morrer todos à fome", sendo logo devidamente varrido aos gritos de "Filho da puta!", "cala-te ladrão que és rico à nossa custa!".

A greve continua. Nem um só barco sai. O piquete de greve coloca um fio com carapaus junto ao cais a marcar a tã onde se podia passar. Os pescadores preparam-se para enfrentar as forças repressivas. Estas não intervieram, praticamente. A greve começa a ser muito constada e vivamente apoiada na cidade sem peixe fresco. Os jornais burgueses nada dizem. Em determinado dia têm a lata de dizer que não há peixe por causa do mau tempo. Como com a "cera" dos ST CP!.

A repressão não se faz esperar.

No dia 5, o patrão do arrastão "Rio Tua" despede toda a tripulação.

Contra os despedimentos: Greve imediata! Neste caso, já a greve estava de pé. A readmissão da tripulação do "Rio Tua" passa a fazer parte das reivindicações.

Dias depois, o mestre do "Rio Tua" que tinha aconselhado o patrão aos despedimentos, vai ao cais e depois de exitar atravessa o fio dos carapaus. Levou tanta purrada por aquele corpo traidor abaixo, que concerteza lhe ficou de emenda!

O apoio operário e popular à greve continua crescente. Os Comitês Operários lançam vários panfletos aos pescadores, desmascarando as manobras patronais, fixando as reivindicações, e incitando os lobos do mar à continuação da luta. Enormes inscrições, com o emblema do comunismo, a foice e o martelo e assinadas por "O grito do Povo", enchem as principais paredes da zona:





As greves não são ainda
a guerra: mas são uma
escola de guerra do
proletariado!

"Pescadores do arrasto todos à greve até à vitória".

"Viva a greve dos pescadores do arrasto".

"Unidos como um só venceremos, camaradas do arrasto".
Etc...

A propaganda, além de estabelecer formalmente as reivindicações, era sentida como um forte impulso para a luta.

No dia 6 de Janeiro, sábado, vêm propositadamente de Lisboa, os capangas do bandido Henrique Tenreiro para tentarem enganar os pescadores. Traziam novas propostas, melhores que as do ano passado, mas piores que as exigidas pelos trabalhadores. Diziam que os pescadores aceitariam rapidamente. Numa reunião para o efeito convocada, a voz unida dos trabalhadores fez-se de novo ouvir:

"Só vamos ao mar com as nossas condições!"

De vela virada, lá voltaram para Lisboa os capangas do Tenreiro.

Dia 15, novo panfleto é distribuído, e como de costume usado como uma bandeira e um guia para o combate.

Nas docas, nas fábricas e nas ruas cresce a efervescência. Os Comitês Operários lançam novo panfleto (dia 19) a todo o operariado e povo trabalhador da região, do qual reproduzimos o seguinte extrato:

"Hoje, passados quasi 20 dias a situação mantém-se - Greve total dos pescadores do arrasto.

Em face desta luta todos os trabalhadores devem tentar apoiá-la:
1º - Organizando nos locais do trabalho lutas de solidariedade. 2º - Falando e encorajando os pescadores, para que sintam o apoio resolutivo da população. 3º - Recolher se possível fun-

dos e gêneros para distribuir por eles.

A vitória da greve dos pescadores do arrasto, será um passo em frente na construção das nossas próprias vitórias e na vitória final dos trabalhadores explorados sobre a "Exploração Capitalista."

Nesse mesmo dia 19, um representante do governo que vinha tentar resolver o caso a favor dos patrões, é também corrido. As manifestações de apoio são imensas. Um diálogo entre muitos:

- Então os pescadores ainda estão em greve?
- Estão e estarão.
- Assim é que é para mostrarem que não vão em cantigas.

Formam-se caixas de fundo de apoio entre o povo para apoiar a luta. A carencia de alimentos começa a fazer-se sentir, mas nem por isso diminui a determinação.

Finalmente, dia 23 de Janeiro, o patronato comprometeu-se a recuar e a cumprir todas as exigências dos trabalhadores dentro de dois meses: a partir de Abril.

Os pescadores com 23 dias de greve consecutiva, depois de discutirem decidiram-se a aceitar a proposta. Contudo nem por isso a vigilância dos pescadores diminui. Os pescadores entenderam ser uma justa tática, admitir o prazo, mantendo-se preparados para o desencadeamento de uma nova luta se em 31 de Março as novas condições não passarem a ser aplicadas integralmente. A greve dos pescadores unidos, foi uma grandiosa greve vitoriosa. A sua vigilância, é a principal forma de consolidar essa vitória. Em frente camaradas pescadores! Contra a Exploração Capitalista! Contra a burguesia! Pela Unidade Popular! Pela Revolução Democrática Popular!

a luta no arrasto

auto-crítica

Os Comitês Operários consideram que são demasiado tarde (dia 19) lançaram aos trabalhadores e ao povo da região as palavras de ordem concretas para uma solidariedade activa com a luta dos pescadores. Com efeito, só a partir dessa data os trabalhadores seguirão a palavra de ordem da Organização começaram a recolher fundos e géneros para serem entregues aos grevistas.

Os nossos anelos ao povo para apoiar activamente a luta, deveriam ter sido lançados logo no início da luta e por todo o país. A Organização considera também que compreendeu perfeitamente a falha e a corrigirá rapidamente.

fundos de greve

Encontra-se em nosso poder uma quantia em dinheiro, recolhida entre o povo solidário com a luta. Como quando essa quantia nos chegou às mãos a greve já tinha terminado e como muito próximamente os pescadores poderam ter de decorrer novamente a greve, guardaremos esse dinheiro até Abril.

Desde já chamamos os camaradas pescadores a organizarem caixas de fundos de greve, para que se em Abril a burguesia faltar ao compromisso, os trabalhadores estejam devidamente preparados para lá das formas habituais.

Pedimos aos camaradas pescadores para nos comunicarem caso não estejam de acordo com esta medida.

HUMOR GREVISTA

No dia 5 de Janeiro, estando um pequeno grupo de grevistas na praia (porto), chegou lá o mestre do arrastão "Mar Salgado", conhecido pelo caio dos patrões, e começou a insultar os pescadores de "malandros" e "patifes". Ameaçado de sofrer um severo correctivo senão se pusesse a andar, gera-se grande larulho. Chega a Polícia Marítima e cada que os pescadores eram poucos, e como a polícia perguntasse o que vinha a ser aquilo, os pescadores responderam que era o referido mestre que os estava a insister à greve e para não irem mais ao mar.

Estrebuxando e protestando, o porco mestre foi preso e enviado para a Pide onde esteve algumas horas detido!

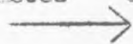
PORTO → portada sobre a policia fascista

O ódio popular contra o regime de exploração e opressão, manifesta-se por toda a parte, em todos os momentos e através dos mais variados pretextos, como resposta justa às sevícias a que o povo é submetido pelos agentes da ditadura burguesa fascista.

Desta vez foi na tarde do dia 18 de Janeiro (dia do 99º aniversário da insurreição vermelha da Marinha Grande), na Baixa do Porto, quando passavam muitos soldados para apanhar o comboio para Lisboa, onde segundo parecia iam embarcar para as colónias.

Um dos soldados, atravessou a rua por cima e não pelas passagens subterrâneas. Nessa altura, um "chuí" viu-o e quis multá-lo; o soldado disse que não tinha dinheiro e o "chuí" começou a discutir com ele. Acontece-se a discussão e, a certa altura, o "mono" dá uma cassetetada no soldado (com o cassetete ao contrário) com tal violência que lhe rasgou o couro cabeludo e o deitou por terra. Entretanto tinham-se juntado muitos soldados, trabalhadores e outros populares sobretudo mulheres, que se viraram ao polícia; nesse momento chegaram mais polícias e desencadeia-se um autentico combate de rua. Muitas centenas perto de mil pessoas se juntaram ali; todos protestavam contra a policia defendendo os soldados; muitos juntavam-se ao combate; ouviam-se frases como "Esses filhos da puta... pensam que isto é tudo deles!"; "Descansem que a mama há-de acabar..."; "Qualquer dia isto rebente...vocêis vão pagá-las".

A bôfia entretanto, começou a ver as coisas mal paradas e mandou chamar uma carrinha cheia de chuíis. Estes logo que chegaram começaram a fazer dispersar pela força, batendo a torto e a direito a apanhando também a torto e a direito. Até em crianças batiam. Quando a policia meteu o



→
chuí que tinha batido no soldado dentro de um nível, a população ameaçava os de fora e o carro teve de desandar bem depressa.

Só perto das 19,30 é que a policia conseguiu fazer dispersar o povo, duas horas e meia depois de tudo ter começado, saldando-se a luta por vários feridos entre o povo e a policia. Um trabalhador foi preso e no dia seguinte conderado pelo hecónico tribunal burguês. A estação de S. Pento esteve encerrada durante meia-hora.

PORTO → expropriação à burguesia

A nossa organização desencadeou a partir do início do mês de Dezembro, uma ampla campanha de propaganda contra a guerra colonial assassina e a miséria crescente a que são obrigados os trabalhadores.

No Porto nesse período dezenas de milhares de panfletos foram difundidos na classe operária e nas massas populares, bem como afixados centenas de cartazes e selos anti coloniais, ao mesmo tempo que os muros da cidade se cobriam de inscrições de apoio à justa luta de libertação dos povos africanos e de incitamento à Revolução Popular.

Noutras cidades do país, também a propaganda foi difundida, particularmente nos quartéis, onde se efectuaram grandes distribuições de exemplares do "Manifesto dos Soldados Portugueses".

As massas populares acolheram com o habitual entusiasmo a propaganda anti-colonial e revolucionária, apoiando-a, discutindo-a e tornando-a difundida.

No Porto, ao fim da tarde de 23 de Dezembro, ante-véspera do Natal, 150 simpatizantes da nossa organização na grande maioria jovens operários irromperam numa acção coordenada, pelo super mercado Vilares dentro, frente ao Mercado do Bolhão, encheram os sacos de mercaderias e manifestando-se contra a guerra colonial assassina aos gritos, saíram rapidamente do estabelecimento distribuindo pelas ruas à população, os géneros expropriados à burguesia, ao mesmo tempo que milhares de "Comunicados ao Povo" explicativos eram distribuídos.

A tentativa de resistência do gerente do super mercado foi rapidamente anulada fisicamente e dois policiaes que se encontravam nas imediações, vendo que os manifestantes se dirigiam para o meio da rua e não estavam dispostos a brincar, fugiram apavorados em grande correria, enquanto um sinalheiro depois de interromper o transito se afastava lendo o comunicado.

Passados os primeiros momentos de espanto, as pessoas que passavam, lendo os comunicados e compreendendo que se tratava de uma acção revolucionária apoiavam vivamente pegando nos géneros e nos papeis e dizendo por exemplo: "Pois claro, é por causa da guerra; e não é só os ricos que têm direito a comer coisas boas."

A noticia que rapidamente alastrou por toda a cidade encheu de júbilo o povo, por mais um golpe desferido sobre a miserável ditadura capitalista.

Os revolucionários que participaram na acção retiraram sem sofrer qualquer baixa.

VILA FRANCA DE XIRA → A LUTA NA TROPA

Após ter sido largamente distribuído o Manifesto dos Soldados, os recrutados depois de um dia extenuante recusaram-se a comparecer nas aulas e a "pagar" os castigos, na Escola de Marinheiros em Vila Franca de Xira.

Dias depois, numa aula de boxe, onde os chicos pretendem que os recrutados se viam seriamente uns con-

tra os outros, uma companhia em peso levantou-se e atirou-se aos chicos e seus lacaios que ficaram por terra.

A recusa a pagar os ignóbeis "castigos" torna-se uma forma de luta constantemente usada pelos operários e camponeses fardados à força.

PEDRADA SOBRE O PADRE FASCISTA EM TELÕES (Amarante):

1- A LUTA

Como noticiamos no último número, o povo de Telões entrou em luta para correr com o padre Nelson, que entre muitas outras patifarias tinha vendido uma preciosa obra de arte antiga do século XVII em proveito próprio.

O povo da região, operários e camponeses, não estiveram dispostos a suportar mais uma patifaria desse conhecido padre fascista, amigo íntimo e esbirro "Comedor" José Abreu, dono das fábricas Tabopan.

Após a distribuição de um panfleto por parte de um grupo de camponeses o ódio popular mais se acendeu, correndo o povo em massa a manifestar-se nas missas que o dito facínora celebrava no domingo seguinte, como apelava o panfleto.

O imbecil do padre fascista leu em todas as missas o panfleto clandestino, dizendo que "se reservava o direito de remeter os autores a tribunal", ao que o povo respondia com gargalhadas, assobios e gritos ridicularizando-o. Em diversos sítios tiveram lugar as manifestações mais variadas contra o padre, sobretudo na Estradinha e em Todeia onde este foi apedrejado pelos camponeses.

O povo exige além de que o padre seja corrido, a demissão da junta e da Comissão fabriqueira, cujos presidentes consta já terem pedido a demissão. Mas é voz corrente que a batalha ainda nem começou. As palavras de ordem do referido panfleto, disputado sofregamente, são repetidas pela população que está disposta a ir até ao fim.

2- A FICHA do PADRE

Camponeses da região enviam-nos a "ficha" do padre e um apelo que publicamos.

Pertence ao movimento integrista da diocese do Porto, cuja principal comandita se concentra no jornal fascista "a ordem". Foi corrido de várias paróquias. Na última antes de Telões dedicava-se a "negócios escuros", entre eles e de passador para França a troco de cahoru - das quantias, pelo que foi a tribunal duas ou três vezes.

Em Telões tem-se dedicado a tudo o que há de mais vil: Atentados ao poder em menores, levantamentos de dinheiros dos bancos sem dar conhecimento, receber subsídios sem nunca acusar a recepção, tentativa de controle da Cantina Escolar para exploração, tentativa para se apoderar do legado de uma mulher fa-

lecida, falsificação de recibos de coisas que não compra e apresenta como despesas, aluguer da sala de jantar da freguesia para casamentos de fora em proveito próprio, orçamentos falsos para festas metendo ao bolso as sobras e por último, o roubo da referida obra de arte, entre muitas outras que foram desaparecendo. Por nota curiosa, acrescenta-se que desde que a sanguessuga foi para lá, nunca mais a Conferência de S. Vicente de Paulo "deu" subsídios a ninguém. E para acabar, leva mil escudos a casamento para emigrantes e mil e quinhentos caso sejam primos".

3- APELO

"POVO DE TELÕES" só tendes uma solução: é correres com o padre Nelson. Uni-vos e derrubai esse lacaio do José Abreu e da reacção." Ele é um tigre de papel para nós se lutarmos todos juntos.

Formai grupos e exigi a transferência dele para longe. Ele é um explorador, um padre "integrista" quer dizer um padre contra o padre da Macieira, ao serviço do capitalismo e da classe burguesa. Levantai-vos de punhos cerrados contra esse gatuno das massas operárias e camponesas e do povo em geral. Levantai-vos e aproveitai essa luta para reivindicar a dissolução da Junta da Freguesia, e eleger uma organização que defenda as massas operárias e camponesas, os interesses da freguesia, os interesses do povo. Levantai-vos e exigi água, estradas e electricidade onde fôr preciso. Desmascarai onde quer que seja o capitalista Abreu e os seus lacaios. Todos por um, um por todos, conforme dizia o panfleto, avante camaradas que a vitória é de todas as massas exploradas de Telões, de Amarante e do país.

Correi com o padre Nelson!
Fora com o Abreu!

FORA COM OS
EXPLORADORES DO
POVO!

LEIXÕES → os estivadores em luta !

No passado dia 3 de Janeiro, os estivadores que trabalhavam no navio "Amboim" recusaram-se a trabalhar das 20 horas até à meia-noite, respondendo assim à APTL que pretendia que se trabalhasse nos barcos até à meia-noite. Também no navio "Porto" houve paralizações pela mesma justa razão.

Os descarados rafeiros do "Sindicato" dos estivadores tentando que os trabalhadores não parassem, acabou por ser obrigado a estipular que a descarga do açúcar só se fazia até às 20 horas.

PORTO → as operárias paralizam !

(NOVA BALHA)

No dia 21 de Dezembro as operárias pediram para não trabalhar no dia 23, por ser sábado e ante-vespera do Natal e elas terem muito que fazer em casa ; em todos os sectores da fabrica era essa a vontade das operárias. O patrão dia 22 foi responder pessoalmente e disse que não deixava, que tinha uma encomenda para sair, e começou a ameaçá-las com castigos se alguma faltasse nesse dia. Uma secção manteve-se firme e disseram ao patrão que não vinham trabalhar quer ele quisesse ou não ! O tipo despediu duas trabalhadoras, e as outras disseram, "pois não vimos trabalhar amanhã nem trabalhamos hoje enquanto você não as readmitir". Eram 12 horas e estiveram paradas até às 16, quando o patrão voltou outra vez e disse : "bem, vocês vão agora embora , eu pago-lhes o dia e venham quando quiserem todas".

STCP → a luta continua !

A luta continua nos STCP. A sua principal forma neste momento é a "cera". Em frente operários dos STCP. A burguesia não dá nada de livre vontade. Tudo tem de lhes ser arrancado pela luta. Em frente ● Preparemos uma greve total nos STCP. Nas oficinas e no movimento. Organizemo-nos para a luta contra a exploração !

LISBOA → protestos contra a guerra !

Um grupo de progressistas alojou-se na Capela do Rato, na tarde de 30 de Dezembro, e iniciou uma "greve" da fome contra a continuação da guerra colonial. Ao mesmo tempo dezenas de pequenos petardos rebentavam na cidade originando a difusão de panfletos anti-coloniais.

A polícia com cães cercou a capela, desalojando em seguida à força os "grevistas" da fome, alguns dos quais ficaram presos na pide.

Em varios pontos do país, cristãos progressistas condenaram a guerra de varias maneiras.

ESTRANGEIRO : contra o colonialismo

Alemanha Federal : teve lugar no início de Janeiro deste ano, na importante cidade de DORTMUND, uma manifestação de milhares de progressistas que exigiam a independência para as colónias vítimas da opressão da burguesia colonialista portuguesa e do imperialismo.

Espanha : O bispo de Helva difundiu uma declaração condenando o colonialismo português.



NAS MASMORRAS FASCISTAS A LUTA CONTINUA CONTRA OS CARCEREIROS E REVISIONISTAS

PENICHE - Dia 24 de Dezembro, o nacionalista moçambicano Domingos Arouca, preso há 8 anos e à cerca de três em cumprimento das "medidas de segurança", desencadeou uma greve da fome contra a continuação da prisão. Domingos Arouca desencadeou uma greve da fome contra a prisão perpétua a que o submetem as leis fascistas.

No Forte de Peniche os presos aderiram imediatamente à greve, presos revolucionários portugueses e 5 nacionalistas africanos. Os velhos revisionistas, continuando a mostrar como nas prisões são verdadeiros agentes dos carcereiros, recusaram-se a apoiar a justa luta, cacarejando que durante a greve não jogariam ping-pong!

Os revisionistas do P."C".P. ou elementos a eles ligados, portam-se na cadeia da forma mais vergonhosa apoiando abertamente a repressão contra os verdadeiros comunistas e presos políticos que mantem uma posição digna e firme. Merecem bem a alcunha vergonhosa de "galinhas" pelo que são conhecidos na cadeia. Não é a 1ª nem a 2ª vez. Os bandalhos revisionistas portam-se constantemente como auxiliares dos carcereiros e como denunciadores dos revolucionários, em todas as lutas que estes desencadeiam nas masmorras.

Para esses traidores, na prisão como lá fora o que é preciso é paz social! Nada de greves contra a repressão, nada de resistências, nada de gravata vermelha nas datas revolucionárias. Para esses traidores, as datas que comemoram (na grande parte datas da burguesia liberal), não devem ser preenchidas com lutas, mas sim com carneiro assado e festas!

Apoiados pela traição revisionista, seguros de serem isolados os 9 presos dignos a repressão fascista passa ao ataque, dizendo que só haverá visitas, depois do fim da greve da fome. Mas os familiares dos presos protestam energicamente, e os presos dignos, isolados no mesmo piso (o grevista Pinto de Andrade foi nessa altura passado do piso revisionista para o outro) decidem continuar a luta até ao levantamento das medidas repressivas.

Finalmente, malgrado a repressão fascista e a colaboração revisionistas, no dia 27, face ao heroico procedimento dos presos, os carcereiros recuam e retiram todas as medidas repressivas especiais que haviam tomado.

"A luta vitoriosa dos 9 presos de Peniche vem demonstrar que o fascismo e o revisionismo têm pés de barro! Vêm demonstrar, tal como ainda à pouco tempo as corajosas e avançadas lutas revolucionárias de Caxias que a despeito da sua terrível aparência, a despeito da sua desesperada violência contra revolucionária, o fascismo e todos os reaccionários são tigres de papel que se desfazem em mil pedaços face à férrea determinação dos revolucionários em combater até à vitória final!"

ABAIXO OS TRAIADORES REVISIONISTAS!
VIVA A JUSTA LUTA DOS PRESOS REVOLUCIONARIOS NAS CADEIAS DA BURGUESIA!

CAXIAS. Também em Caxias os revolucionários mostram como se enfrentam os facinorosos da pida. Após o assassinio do camarada Ribeiro dos Santos, 3 presos desencadearam uma greve da fome de 3 dias escrevendo nas paredes e nos pratos "a pida é um tigre de papel", "abaixo a repressão fascista", etc.

Saul, Noronha da Costa, preso quando defendia a urna de Ribeiro dos Santos, manteve uma atitude exemplar face aos espancamentos e torturas da pida, recusando-se a identificar e a prestar qualquer declaração e enfrentando corajosamente os miseráveis torturadores.

Saul, como muitos outros dá um exemplo revolucionário!

Que ninguém forneça a mínima informação ao inimigo! Morte aos traidores!

VIVA O COMPORTAMENTO E LUTA REVOLUCIONARIAS DOS PRESOS NAS CADEIAS!

CLASSE
CONTRA
CLASSE